



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOS!

# Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## Auto-Critica NO NOSSO TRABALHO DIRIGENTE

Marx ensinou nos que a revolução proletária se distingue, entre outras coisas, de qualquer outra revolução, pelo facto de que ela se critica a si própria e de que ela se consolida criticando-se (cf. Staline, «Questões do Leninismo», vol. II). A crítica e auto-crítica é um ponto fundamental do nosso método, como leninistas. É a auto-crítica não esquece os quadros dirigentes do Partido.

Em vários pontos da base do Partido levanta-se uma crítica ao «otimismo» da linha política do Comité Central. Esta crítica engloba um lado justo e um desvio de direita que pretende acoberta-se e exprimir o seu corpo, debaixo da crítica contra o nosso «otimismo».

Antes de entrar propriamente na discussão do assunto, sublinhamos que nós não somos capazes de compreender que uma causa grande possa triunfar, sem que a ela entreguemos o todo do nosso entusiasmo revolucionário.

Dito isto vejamos onde vai a extensão do «otimismo» da linha política do Comité Central do Partido.

1.º ponto—O 18 de Janeiro foi tomado por muitos como uma derrota pura e simples do movimento revolucionário português. Os primeiros tempos dessa «derrota pura e simples» foram acompanhados de uma onda de terror selvagem da Ditadura, particularmente contra os militantes do Partido. O conjunto do Partido em liberdade, justamente porque era constituído por uma base que em larga escala carecia de experiência, entrou num certo recuo momentâneo, ou, pelo menos, numa relativa passividade. A actitude inquebrantável do grosso das colunas dos nossos presos e as primeiras acções de massas, que logo após um mês, começaram a minar as bases da realização do fascismo totalitário—isto em paralelo com a interpretação dos primeiros índices da agudização ulterior da crise geral do capitalismo, constituiram as bases do estabelecimento duma linha prática por parte do Comité Central, onde abundava, efectivamente, um certo traço do optimismo que dir-se ia sobrestimar um factor aliás importantíssimo: o estado concreto da mentalidade do conjunto das nossas fileiras.

Afirme-se mesmo que a linha política optimista agravava a separação entre o trabalho político e o trabalho de organização.

Porém, este optimismo não ia, apesar de tudo, desligado da observa-

Continua na 3.ª página

## “Revolução” ou a crise da Ditadura Carmona-Salazar?

O aparato bélico do dia 21 de Maio e o alarido provocado em volta dele pela imprensa «uniformizada» representam uma encenação de estilo hitleriano, architectada pelo governo, para arranjar um ambiente à execução integral do decreto de «deparação» dos quadros do funcionalismo civil e militar, ao emprego da violência das armas contra o movimento proletário e camponês em novo período de ascenso, à colaboração de toda a actividade do Partido Comunista debaixo da designação de «crime de lesa-pátria» e ao fabrico de uma auréola de «herói nacional» a Salazar, para contrarrestar-lhe o desprestígio que se agrava entre os próprios partidários da situação e para desmoroñar a oposição Ribeiro de Carvalho-Rolão Preto nos quadros, particularmente, da oficialidade do exército, ante o grito esganado: depois de nós o dilúvio!...

Este 21 de Maio era inevitável. Os últimos sete anos foram ocupados com um labor fascista extraordinário, em que o Presidente do Conselho, particularmente, queimou todos os cartuchos para crear uma ideologia de «nova era» que arrastasse as grandes massas ao «Estado Novo». Há cerca de um mez, por ocasião do «Porto de Honra» na Câmara Municipal de Lisboa, o chefe do Governo viu-se obrigado a constatar que toda a verborreia salazarista foi de resultados quasi nulos. No lugar dum balanço positivo das realizações do fascismo totalitário, o Presidente do Conselho foi obrigado a comprovar que a crise revolucionária toma corpo no país.

Vejamos, em primeiro lugar, os traços fundamentais da nova situação.

A semana de 25 2 Fevereiro/Março poz a claro um profundo reagrupamento operado no seio das classes sociais do país, ao cabo de nove anos de existência do fascismo. As massas trabalhadoras barcelenses deram já o primeiro sinal da entrada do movimento revolucionário numa fase em que o proletariado se levanta em manifestações políticas, de luta pela libertação dos seus presos e contra os espancamentos e torturas que a estes presos são infligidos pela Polícia de Informações e pelo regime político presidencial da Ditadura. Na Região do Centro e Sul vinhateiro, os camponeses reagem vigorosamente contra o mandato fascista de arranque dos bacelos e esta luta toma, em vários casos, as formas dum «corpo a corpo» entre os camponeses esfomeados e os piquetes da Guarda Republicana, uma cólera popular se eleva em todo o país contra a Ditadura. Os estudantes acabam de manifestar-se contra a expulsão dos professores anti-fascistas, e o que há de característico nestas manifestações é que elas tomam o aspecto duma frente unida preliminar, a que aderem os estudantes católicos e fracções determinadas da A.E.N. e do Nacional-Sindicalismo. Entre as praças do exército e da Marinha cresce a agitação comunista e alargam-se as tendências contrárias à inclusão de Portugal na nova guerra.

A União Nacional que jámais foi capaz de mobilizar as largas massas, falhou, até, como Partido de Governo, nas condições dum regime capitalista que poz a nú todo o seu caracter deshumano. A nova lei sobre a limitação do ensino secundário e universitário, agravava a animosidade da pequena burguesia contra a Ditadura e põe patente a estas camadas que o fascismo é a destruição da cultura e a realidade do seu empobrecimento geral, como método de salvação dos grandes magnates. Simultaneamente, o eixo da luta política, que nos tempos do próximo passado assentava entre «revirvalho» e «ditadura militar», deslocam-se para o campo do combate entre a barricada da ditadura e a barricada do Partido Comunista.

Por fim, a Ditadura tem uma série de problemas a resolver urgentemente. Os grandes exploradores da classe operária e dos camponeses pobres e trabalhadores exigem uma nova carta de afforria para darem um novo acréscimo à exploração das massas proletárias e laboriosas. A economia nacional que desde os fins de 1932 havia entrado numa certa reanimação relativa, está prestes a fundir-se e isto põe o problema do desbaste de novas percentagens engrossadas de pequenos e médios produtores e de novas falências entre os próprios escalões mais débeis do grande capital. O entorpecimento da eclosão da nova guerra, resultante do acréscimo do ambiente internacional popular contrário à nova carnificina imperialista, socava as bases do apêgo do oficialato do exército a Salazar, que lhes havia apresentado a guerra como única perspectiva e que correm o perigo de se passar

Continua na 2.ª página

## A nossa Juventude

Temos presente o n.º 3 (III Série) de «O JOVEM»—Órgão central da Federação da Juventudes Comunistas

Este numero vem a publico num período em que as nossas juventudes já contam no seu seio os seus heróis e mártires. Ele é o primeiro fruto do C.C.E. da J.C. que acaba de reorganizar-se, sob o signo dum enorme entusiasmo bolchevique juvenil, e vem a luz da publicidade ilegal, quando o país amadurece tarefas urgentes à juventude leninista, em vistas da conquista da juventude trabalhadora, pobre e oprimida, ao campo da luta comunista.

Retenhamos este pormenor verdadeiramente sintomático. A nossa juventude reorganiza-se sobre a estrutura dos ensinamentos de Lenine, de Staline, da I.I.C. e do trabalho do nosso Partido, cerca de um ano após a declaração semi-official da Política de Informações de que a J.C. seria liquidada a por volta de Junho de 34.

Este numero de «O JOVEM» marca um enorme progresso em relação aos precedentes

Esperamos que o C. Central da J.C. saiba desenvolver uma série de problemas fundamentais que lhe foram colocados pelo Pleno que vem de realizar-se e que afirme, cada vez mais, a perspectiva que lhe tem sido indicada pelo Partido, a saber que a J.C. precisa de abordar os problemas gerais da juventude trabalhadora dum modo concreto e em linguagem característica da própria juventude

A tarefa central da nossa juventude é a da saída regular do seu órgão «O JOVEM», elaborado principalmente em vistas a satisfazer a estes pontos: noticiário sobre as condições de vida e as aspirações da juventude proletária, camponesa e estudantil; formação de quadros juvenis para a luta imediata, em ligação com os objectivos finais da J.C. directivas concretas para o trabalho de organização da totalidade das suas fileiras; agitação em vistas duma larga campanha de recrutamento, da criação de organismos de massas da juventude e do enquadramento da juventude laboriosa e oprimida na senda da unidade de acção da classe operária e da frente única contra o fascismo, contra a ofensiva do capital e contra o perigo de guerra.

A directiva de caracter internacional: Em cada fábrica onde existe uma célula do Partido lutar pela constituição duma célula da Juventude, e auxilio de toda a base, em vistas do alargamento das fileiras e da actualização da J.C., — é uma tarefa obrigatória para o conjunto do Partido; neste período de luta pela socavação de todas as bases de arrasto da mocidade de Portugal ao fascismo,



## “Revolução extremista gorada” ou o começo da crise da ditadura Carmona-Salazar?

(Continuado da 1ª página)

para as conspiratas revirralhistas. Salazar foi obrigado a realizar a volta ao exército nas condições deste ambiente, que se distingue profundamente do ambiente de 1926.

Esta volta teve lugar num período em que a base de apoio da ditadura se restringiu enormente e em que o movimento revolucionário se organiza em verdadeiras proporções de massas. O 21 de Maio não representa uma série de medidas tomadas pelo governo com o fim de prevenir uma «revolução extremista» nem uma prevenção rigorosa de estilo habitual. Representa, em primeiro lugar, uma «pavorosa», baseada num plano pré-estabelecido, enquadrando a própria utilização da imprensa estrangeira, destinada a opor um dique às massas que estão a caminho da resposta à ofensiva do capital e da conquista da liberdade, sob o signo do reforço e do alargamento irrefutáveis das suas organizações independentes. Representa, em segundo lugar, uma coisa absolutamente nova: as prisões precedentemente efectadas na Marinha de Guerra — a que o Governo foi obrigado a chamar prisões disciplinares — elevaram a tal ponto a cólera dos marinheiros que, para continuar a prender, o Governo já não pôde servir-se das «vias normais».

O «nosso» 21 de Maio representa uma espécie de 30 de Junho hitleriano com uma correcção fundamental: o eixo da luta encontra-se já no seio das grandes massas e nos escalões da força armada e desenvolve-se, sob o controle imediato do Partido Comunista.

Os chefes republicanos e anarquistas são responsáveis desta «pavorosa» urdida e levada a efeito pelo Governo. Toda a actividade política destes chefes, tem consistido, exclusivamente, em businar pelos cafés e pelos centros de conspirata: «as coisas vão boas!», «ela vai sair!», «é para a semana!», «é para amanhã!». Disseram e continuam a dizer que *ela* há-de ser feita de improviso, estalar como um relâmpago. Daqui, a «pavorosa» do dia 21 de Maio não tem nada de surpreendente. Ela apoiou-se nas próprias armas que os chefes republicanos e anarquistas fornecem à ditadura, com os seus métodos provocatórios.

O nosso Partido proclamou sempre que não são as acções de improviso e de surpresa duma vanguarda armada — ainda que esse fosse o caso das sermonates revirralhistas e anarquistas — que podem levar à revolução. A revolução para eclodir e tornar-se triunfante, precisa de apoiar-se na vaga revolucionária do povo, chegada ao apogé e exprimindo-se por factos concretos, absorvendo e dominando a própria vida real, em toda a sua extensão.

Esta posição do Partido Comunista é demasiado pública e demasiado conhecida do Governo, para que possa dar-se crédito às atoardas da imprensa oficiosas «doméstica», respeitantes a uma conjura destinada a trazer à rua uma «revolução extremista» à base dos mé-

todos de actuação do revirralho.

Doutro lado, a agitação revolucionária cresceu, através dos últimos dois anos, e continua a crescer. Esta agitação, que não é senão o reflexo dum trabalho revolucionário que se alarga do ponto de vista organizativo e de formas de actuação revolucionária é, em 90% dos casos, o fruto da nossa própria actividade; e o Partido Comunista tem-lhe sentido, sobejamente, os resultados, para que vá arreimar-se a um suicídio, ou para que deixasse a imprensa «doméstica», que consistiria — a tal ponto a sério — na prática duma série de arruacões.

Se a Ditadura, conhecedora do modo de actuação independente e característico do Partido Comunista, aia, apesar disso, de «revolução extremista» que estava para eclodir, isso ocorre, precisamente, porque o Partido Comunista é o único baluarte a temer pelo sistema capitalista, sistema que a Ditadura foi chamada a defender pelos métodos da violência e do terror mais implacáveis.

Toda a realidade da luta política, não só dentro do período ditatorial, mas desde as primeiras horas da «democracia» até à hora presente, demonstrou, sobejamente, aqueles que não tem os olhos barridos pela ideia da defeza, dentro de novas formas, do sistema capitalista ameaçado (chefes republicanos), ou pela ideia, ainda que seja inconsciente, de atrelar o proletariado à burguesia (chefes anarquistas, anarcosindicalistas e sindicais-revirralhistas), que é preciso entrar na aplicação de novos métodos. Estes métodos significam ganhar à frente da luta contra o fascismo, as profundas massas exploradas, laboriosas e oprimidas, despertá-las e sacudi-las para a luta geral pela defeza das suas condições de existência, contra o terror fascista e contra a ameaça da guerra, pelos direitos políticos que lhes foram arancados e pela reconstrução dos seus sindicatos e organizações livres, no apogé da qual poderá e deverá falar-se, então, de insurreicção para conquistar, duma vez, a democracia autêntica.

A luta pela liberdade não tem nada que ver com o caminho que lhe assinalam os chefes republicanos e anarquistas. Esta luta tem para si o seu próprio caminho, o caminho que lhe indica o Partido Comunista.

O proletariado, dando conta das particularidades do ambiente burguês no meio do qual se desenrola a sua luta independente, precisa de precaver-se — e tanto mais, quanto mais acre é a sua luta — para não tomar a nuvem por Juno. Vozearia de «revirralho» querêr dizer, dum modo geral, burguesia que começa a degladiar-se e amadurecimento das condições de acréscimo da luta proletária e camponesa, duma luta que transformar-se-á em revolução, só na medida da actuação independente do proletariado.

Vejam, agora, o reverso da medalha do 21 de Maio. As bases políticas e sociais de suporte de aplicação do terror fascista em larga

escala contra o movimento revolucionário, atrofiaram-se enormemente, durante os últimos tempos.

Para intentar a «depuração» na Marinha de Guerra, e para poder continuar a prender e a torturar bárbaramente, o Governo sente cada vez mais a necessidade de criar-se um ambiente de «governo que apenas age contra arruaceiros». Daí, o alarido de que uma «revolução extremista» estava para eclodir.

Esta táctica devia provocar a firmeza de «ameaças populares ao Governo», a sua «extrema vigilância». Devia conduzir, por outro lado, à criação dum ambiente de mais aceitação popular da Polícia de Informaçoes. (Relatório dos jornais sobre a astúcia desta polícia). Porém, no lugar destas aclamações, já nas primeiras horas da manhã do próprio dia 21 de Maio, a população de Lisboa considerava que todo o o aparato militar não passava duma «grande fita». Doutra lado, as proclamações raivosas da grande imprensa, caíram pouco menos do que no vócuo.

Daqui, as conseqüências ulteriores, anti-fascistas, da «pavorosa» do dia 21 de Maio — o reverso da medalha.

O reverso da medalha, porém, não fica por aqui.

O 21 de Maio provou, mais uma vez, a inuidade do método «revirralhista», e isto não pode deixar de produzir os seus efeitos entre as massas que ainda depositavam uma fé tiva crença nesse mito, tornando-a, agora, muito mais crentes na vantagem do nosso método de luta.

O 21 de Maio é o primeiro sinal sério do começo da crise da Ditadura Carmona-Salazar. Ele teve lugar numa fase em que as bases de estabilização da ditadura se abalam ante a crise económica persistente, a elevação da cólera popular contra o fascismo, o reforço do nosso Partido e o alargamento da simpatia das massas do país pela URSS.

A nossa palavra de ordem continua sendo: contra o fascismo, pela liberdade, contra a ofensiva do capital, pela elevação do nível de vida do proletariado e dos camponeses, contra a barbarie, pela defeza da cultura e pela salvação das camadas médias, contra a guerra, pela defesa da União Soviética.

Em vários casos, as massas já empreendem a resposta à ofensiva do capital, à escravização camponesa e do terror fascistas (movimentos reivindicativos nas fábricas, levantamentos camponeses, manifestações do Barreiro, etc).

Estas acções que se têm desenrolado à custa exclusiva do revolucionarismo das massas e guiadas pelo nosso Partido, em pleno choque com os chefes republicanos, anarquistas e sindicais-revirralhistas, demonstram como as massas por meio da frente única, e desde que varanda a sua mente o sebastianismo revirralheiro e anarquista, conseguirão por um dique a sua escravização pelo sistema capitalista, romperão a legalidade e o terrorismo que o fascismo lhes impoz e criarão as condições para a luta vitoriosa pela instauração da verdadeira democracia.

A luta por esta palavra de ordem e pela aplicação deste método de

## Na Fortaleza de Angra

Os nossos camaradas presos em Angra continuam lutando heroicamente contra os carcereiros ignobéis a quem a Ditadura os entregou e que nada mais tem feito do que aproveitar todas as oportunidades para os perseguirem e vexarem, quer tirando-lhes todas aquelas regalias mínimas a que o comum dos presos tem direito, quer infligindo-lhes penas e castigos, sem motivo justificado.

Devido a campanha constante, e sem desfalecimento, levada a cabo, quer pelos nossos camaradas de Angra, quer pelos nossos camaradas do Partido e do SVI, a situação dos presos de Angra melhorou sensivelmente. No entanto, os esbirros da Ditadura continuam perseguindo aos nossos camaradas presos.

No dia 15 de Abril começou vigorando um novo regulamento prisional que, entre outras vis disposições, estabelece a censura a toda a correspondência dos presos e das famílias. Muitos camaradas somente recebem os envelopes com o dinheiro enviado pelas famílias, sendo-lhes apreendidas as cartas.

Em vista disso, os nossos camaradas presos, como movimento de protesto contra tão infame disposição resolveram não escrever mais enquanto esta não for revogada.

A alimentação continua sendo deficiente e mal cozinhada; alguns camaradas de constituição menos robusta, estão tuberculosos, encontrando-se hospitalizados quatro; vivendo com os restantes presos, e com grave perigo para estes, continuam vivendo outros presos já tuberculosos.

De um amplo movimento de massas e de energicos protestos junto das autoridades fascistas, depende a sorte dos nossos camaradas de Angra. Da nossa luta contra os dois maiores esbirros do «Estado-Novo» junto dos presos de Angra, resultou o regresso à Metrópole, dos carcereiros tenente Adalino Soares e furiel Robalo, e uma melhoria de situação para os presos anti-fascistas.

Das nossas futuras acções, e dos nossos protestos perante as autoridades fascistas, depende a situação futura dos camaradas de Angra.

Por um vasto movimento de protesto contra as perseguições de que estão sendo vítimas os camaradas de Angra!

Por um movimento nacional de solidariedade para com os presos anti-fascistas!

A luta é uma tarefa obrigatória para todos os membros do Partido. Nas organizações de massas e nas próprias fábricas, nas escolas e nos campos os nossos camaradas devem, obrigatoriamente, dirigir-se aos militantes, embora que doutras tendências, mas que se mantêm no terreno da luta de classes, as organizações paralelas e as próprias massas e propôr-lhes o empreendimento da frente única nos quadros desta plataforma de acção.

O credo «revirralhista» nos quadros do Partido implicará a irradiação pura e simples, como renegados, provocadores e contra-revolucionários, de os que lhe servem de veículo condutor.

(N. R.) Por engano o título na 1ª página, saui: «Revolução» ou a crise da Ditadura Carmona-Salazar quando devia ser: «Revolução extremista gorada» ou o começo da crise da Ditadura Carmona-Salazar?

## Auto-crítica ao nosso trabalho dirigente

(Continuado da 1ª página)

ção consciente do estado de coisas que rodeava o nosso Partido.

A nossa linha política foi, em vários casos, caracterizada por uma linguagem fundamentalmente de agitação, que tinha em vista, sobretudo, criar no conjunto do Partido um entusiasmo revolucionário que aí escasseava, por virtude da onda de repressão fascista sobre os nossos quadros e da falta de experiência da nossa base.

É incontestável que o nosso otimismo agiu como elemento salutarríssimo do despertar de toda a base do Partido. É incontestável que a este otimismo se deve o enorme crescimento da nossa influência entre as largas massas, o prestígio crescente do nosso Partido.

A organização, porém, continuava em retardo e esse retardo tinha uma relativa explicação.

2.º ponto — O último ano amadureceu uma situação nova, cujos traços essenciais já têm sido e continuam sendo postos a claro na nossa imprensa. Que temos verificado nos últimos tempos? Nós temos verificado que uma observação leninista das condições concretas nos indica que a situação engrossa as perspectivas favoráveis ao nosso Partido. A realidade corre veloz e sem correr o risco de cair na popularidade barata e na demagogia pura e simples, nós constatamos que ao nosso «otimismo», forjado em vistas da agitação, tive mos que juntar uma boa dose de otimismo, para alcançarmos o ritmo dos acontecimentos, para não sermos ultrapassados por eles.

Hoje a questão que se põe é este fundamental: Qual dos sectores da nossa actividade está em retardo? Ou ainda esta: Efectivamente a nossa linha política, o seu conteúdo, está desligada das condições concretas?

Certo. Todo aquêle que se coloca no ponto de vista da observação mecânica das acções de massas que abstrai delas a questão de que elas se conduzem nas condições do fascismo, a que desliga essas acções dos fenómenos objectivos da crise, etc. e que baseia nessa observação mecânica todo o prognóstico dos dias que se abrem ao nosso Partido, dirá que a nossa linha enferma dum certo otimismo. Porém, esse está atacado duma certa miopia. Dum modo geral baseia no retardo ainda observado no trabalho de organização o quadro das nossas perspectivas.

É preciso, entretanto, não tomar a nuvem por juno. Staline diz-nos, em relação ao Partido Comunista Russo, que «durante todo o período preparatório de Outubro, o Partido apoiava-se, incessantemente, na sua luta, no elan espontâneo do movimento revolucionário de massas».

Dentro da nossa capacidade de assimilação do leninismo, nós temos, também, procurado edificar o ponto decisivo do controle do Partido na apreciação do elan revolucionário da nossa classe operária.

E vemos então que o nosso «otimismo» actual é o produto da observação não «otimista» mas positivada situação concreta que nos rodeia.

Nas condições actuais a nossa linha política reflete com toda a aproximação o estado das perspectivas favoráveis que se nos deparam.

Não é a nossa linha política que é exagerada. É, pelo contrário o

trabalho de organização que está longe de ter sabido captar a beneficio da organização, as perspectivas postas pelo trabalho político do Partido.

«O triunfo da revolução jamais chegou por si só. É necessário prepará-lo e continuá-lo». E a «organização é que decide tudo» (Staline).

O nosso principal defeito, no presente, está em que a maioria dos camaradas do Partido continuam a interpretar o trabalho político do Partido como um mero trabalho de agitação.

Daquí o perigo do avolumar do desvio de direita nos quadros do Partido.

Ora a tarefa que se nos depara é esta, afinal de contas:

1.º Rechazar toda a tendência que sob o lema do «otimismo» da linha política do Comité Central do Partido, procura descartar os membros do Partido da obrigatoriedade de estudarem estas linhas, os problemas colocados por ela, desobrigando-os da luta pela realização das tarefas gerais que por aí são assinaladas.

2.º Mobilização completa do Partido, sob o signo da interpretação da linha política, em vistas de vencer o retardo do trabalho de organização de todos os escalões do Partido e dos seus membros tomá-los até individualmente, para elevar o trabalho de organização ao nível do trabalho político.

## A URSS EM CONSTRUÇÃO

### Viagem no país dos gigantes

Os escritores que participaram no Congresso dos Escritores Soviéticos em Moscovo, ao voltarem da sua viagem através a URSS, contam as suas impressões. O escritor alemão Walteck Olden escreve o seguinte:

«Há dez anos, os camponeses alemães sem terras, actualmente membros do Kolkhoz Brumenthal, instalaram-se numa terra posta à sua disposição pelo Estado Soviético.

Fiquei maravilhado ao vêr a fé invencível destes homens, no futuro. Casas limpas e cheias de luz, vitanhas, vacas junto de cada casa, escolas muito bem organizadas, e uma admirável juventude... Que melhor argumento contra as «diosas calúnias da burguesia sobre as perseguições aos camponeses, do que este kolkhoz do país dos Soviets?»

### Actividade dos Soulets nas cidades

«A presidente de quatro ruas», sob este titulo a «Pravda» publica uma entrevista de Maria Fehatchina, delegada ao Soviet da cidade Prokopsk (Siberia).

«Quando me chamaram a Moscovo, para dar conta ao nosso governo do trabalho dos comités de rua de Prokopsk, eu juntei donas de casa de quatro ruas, e disse-lhe que em Moscovo queriam saber como nós viviamos, o que havia em nossas casas de bom e mau, e que queriam saber se as moradias dos mineiros estavam limpas, e se os seus moradores estudavam».

Maria Tachichin, fala em seguida da sua vida em Prokopsk e conta como se tornou delegada ao Soviet. Presentemente trabalha como mecânica

O ministro da propagação, Goebels, annunciara que as cerimónias do 1.º de Maio de 1935 ultrapassariam em entusiasmo e em forças as cerimónias dos dois anos anteriores. As manifestações nazis foram absolutamente boicoteadas e em contrapartida organizaram-se numerosas manifestações revolucionárias ilegais. Os postos de rádio anunciaram previamente a concentração de dois milhoes de manifestantes em Tempelhof. Na realidade acorreram ali mu to menos de um milhão, sob a ameaça do despedimento e sob a direcção dos oficiais das S. A. Expessos cordões de guardas uniformizados e em traje civil impediam a multidão a debandada.

A aparição de Hitler, considerada o ponto culminante da festa, não desencadou senão uma débil parte do entusiasmo esperado e o seu discurso apenas foi interrompido duas vezes, por débeis aplausos, procedentes do círculo dos amigos do Chanceler.

Ao mesmo tempo produziram-se uma série de manifestações e de cortêjos abertamente revolucio nários. O passeante madrugador que percorresse os barrios operários, especialmente em Wedding e Neukölln, podia vêr ali um desusado número de colchas e almofadas vermelhas coladas às janelas. Enquanto Hitler falava no campo de Tempelhof, produziram-se manifestações revolucionárias bem protegidas, numa série de arrabaldes de

Berlim, nas quais foram pronunciados discursos e cantada a «Internacional». 2000 operários reuniram-se no bosque de Alt-Buchholz em Woltersdorf, 1200 em Fingenschlense e 800 em Wilhelmshagen.

Na própria capital, em Charlottenburg, tiveram lugar demonstrações relâmpago. Os grupos de passantes agrupavam-se subitamente no meio da rua, obedecendo a um apito agltavam pequenas bandeiras vermelhas, derapertavam os sobretudo, mostrando camisas vermelhas e gritavam em coro: «A nós proletários!». «Dis aqui o 1.º de Maio Vermelho!»

Na grande repartição de desemprego da Gormanstrasse, tiveram lugar violentos incidentes. Os desempregados, que haviam sido convocados a comparecer ali, a fim de se dirigirem ao campo de Tempelhof tiveram que esperar horas inteiras, debaixo de chuva e de neve, até ao ponto de alguns desmaia rem. A agitação cresceu e, subitamente, surgiram gritos de: «Quere mos pão!» «Que se faz das promessas do Chanceler?». «Aqui estamos reunidos os mais pobres entre os pobres!». Os agentes e pessoas encarregadas de restabelecer a ordem, foram sacudidos, e avisadas várias equipes de policia, procederam à detenção duma trintena de desempregados.

Em Munique, cidade que foi berço do nacional-sindicalismo, a festa fascista do 1.º de Maio obocotada de muitas formas pelos operários. Os postos de rádio tinham anunciado na véspera que haveria uma reunião de 147.000 manifestantes. Na realidade não se reuniram senão algumas centenas que se lamentavam violentamente das quantos lhes havia o fe to pagar por os fogos artificiais do 1.º de Maio.

A negativa das massas, e particularmente dos operários, a participar na preparação fascista do 1.º de Maio foi de tal modo catastrófica para o regimen, que tiveram que renunciar ao desfile, acabando o rádio por atribuir este facto ao mau tempo. Ora, na realidade, em Munique não choveu no dia 1.º de Maio! Pelo contrário fez um certo calor e o sol brilhou quasi todo o dia.

Eis aqui uma ligeira sumula do 1.º de Maio na Alemanha.

### Pequenas Noticias

A fábrica «Roche'd», em Krasnogoraietz, acaba de entregar o primeiro desfibrador para a fabricação da pasta de papel e de celulose. Pode produzir 24 toneladas de pólpapor dia.

Na fábrica metalúrgica Tomsky, em Malkéjka (Donbass), acabam de pôr a funcionar um turbo-gerador duma força de 24.000 kilovátios.

Em Karkov, acabam de festejar o terceiro aniversário da inauguração da fábrica de tractores. O director da fábrica, Svistom, indica no seu relatório que depois da sua inauguração, a fábrica produziu 80.119 tractores.

Uma expedição da Academia das Ciências ao Extremo Oriente chegou ao Kamietatka onde percorreu a região compreendida entre a foz do rio Kop e Petropavlovsk, descobriu aí jazigos de linhte e mica.

A nova biblioteca Lenine, em construção em Moscovo, em cimento armado, tem 14 andares e

poderá conter 8 milhões de livros. Pode ser frequentada por 7.000 pessoas por dia. A construção ficará completa em 1937.

Na construção da fábrica de ligas de ferro de Zaporojie, acaba de ser posto em exploração um sexto forno Miguet. Esta fábrica é a maior do mundo.

Os seus onze fornos para ligas de ferro foram postos em exploração: cinco fornos Heroult para o ferro-cromo e seis fornos Miguet para o ferro-silicium.

Os seis fornos de ferro-silicium (trabalhando a pleno rendimento, produzirão diariamente 240 toneladas de metal.

A fábrica de Kouznitzk (Sibéria) acabou a construção do sexto forno Martin, que poderá produzir 30 toneladas de aço por dia.

Em Novobirsk (Sibéria) construiu-se uma fábrica de calçado, capaz de produzir 6.500.000 pares de sapatos por ano.

## A Fome nos campos

Todos guardam fresca a memória dessa cantilena sobre a «felicidade» que as Casas do Povo dariam aos camponeses.

O artigo de fundo de «O Seculo» de 5 do corrente revela-nos onde vai essa felicidade.

Referindo-se á situação creada aos camponeses trabalhadores de Portugal que habitualmente emigram para Espanha em busca de trabalho, ou que por ali vivem há anos para se furtarem á fome certa que aqui os espera, esse artigo diz:

«O que se prevê facilmente é a angustiada situação de muitos milhares de portugueses que serão compelidos ao regresso á Pátria, onde alguns nem tinham já seus lares, visto que os haviam transferido para o país vizinho»

Este artigo de «O Seculo» vem a público na altura em que em Espanha se iniciam as colheitas, «O Seculo» afirmando que é preciso reagir, isto é, forçar o Governo espanhol a manter a ocupação a esses camponeses, conclui:

«Não se trata, apenas—o que já seria muito—de defender o pão de milhares de portugueses. E' preciso corrigir os vícios modernos, que afirmam os seus homens contra outros, por egoísmo revoltante e incompreensível. E' necessário defender um direito sagrado—o trabalho e o pão que a todos pertence e é devido.»

A primeira ideia que cada um se faz do artigo em questão é a de que seria mil vezes louvável que «O Seculo» applicasse tanta resistência em aconselhar que era preciso reagir, no sentido de dar ocupação imediata e um nível de vida sofrível aos milhares de camponeses trabalhadores que aqui se encontram entregues a salários de miséria e a um desemprego crónico.

A este respeito «O Seculo» não arrisca uma palavra sequer.

Pelo contrario, lendo com atenção esse artigo e tendo em conta a situação creada pelo fascismo nos campos de Portugal chega-se a esta conclusão:

Durante o ultimo ano o governo Salazar decretou a destruição de grande parte dos vinhedos e pôs em prática várias medidas contra os trabalhadores rurais do sector cerealífero. Por outro lado em vários casos, as colheitas vão ser más em vários pontos deste sector. As massas pobres da agricultura estão a braços com uma fome muito maior. O trabalho escasso e os salários muito mais reduzidos, será o duplo tema applicado pelos lavradores ricos ás massas assalariadas da agricultura. A burguesia presente uma elevação da luta camponesa, em virtude desta situação.

«O Seculo» apressou-se a arranjar um para-raios. Tudo consiste em desviar a atenção dos camponeses... para o que se passa em Espanha.

E vós, camponeses e trabalhadores agrícolas—tanto os que estais sujeitos á fome em Portugal, como os que sois corridos de Espanha—que fazeis?

O encargo da vossa ocupação e do vosso direito á vida cabe, em primeiro lugar, ao Estado português e aos grandes lavradores. Vós deveis reclamar pão e trabalho a

um e outros!

Entre os vossos ranchos em ceifas e em todo o trabalho da agricultura deveis nomear comissões de trabalhadores a quem é preciso encarregar de apresentar aos lavradores as vossas reclamações, acompanhando-os na apresentação delas e sustentando a luta pelo seu cumprimento.

Por fim, se o Estado e os grandes lavradores fazem ouvidos surdos á vossa reclamação de pão, é preciso conquistar o pão pelas vossas próprias mãos!

Reparti entre vós próprios as colheitas e os generos indispensáveis á vida arrancados nos campos, nos celeiros e nos currais dos grandes lavradores ou armazenistas do campo.

## A vida dos Proletarios

### Carreiros e Telegrafos

Nestas oficinas, secção de pintura das camaradas ganham salários que vão de 12500 a 15500. Estes magros salários estão sujeitos a descontos visto os trabalhos serem por tarefa; sucede muitas vezes que, por circunstâncias várias, independentemente da vontade dos camaradas, estes sofrem pezados descontos que lhes reduzem consideravelmente os salários.

O actual encarregado, um tal Gouveia, conhecido pelo «O Africano», elemento da União Nacional, e criatura ambiciosa, que fez com que o antigo encarregado fosse deslocado para as oficinas das Necessidades apesar d'este encarregado ser muito estimado pelos operários. Também conseguiu fazer com que um operário, chefe de familia, fosse despedido, somente por temer que este operário o pudesse prejudicar, visto ter mais habilitações profissionais.

Um tal Afonso, chefe desta secção, e o primo Freire, chefe geral, são os instigadores d'este «soba», o que se compreende, visto meterem nos bolsos a diferença dos gastos orçados pela Direcção Geral.

E aqui temos nos umas dezenas de homens que, além de serem explorados no seu trabalho, o são também pelos descontos arbitrários dum sr. Gouveia, dependentes duma «drempe» de «sobas» e de exploradores do trabalho alheio.

Camaradas pintores, um só caminho vos resta: a vossa imediata organização, para a conquista das vossas regalias, e supressão da exploração por parte da Direcção Geral e dos encarregados.

Sob a bandeira do Partido Comunista contra a exploração!

### O Sindicato Nacional desmascarado

PENICHE—O Sindicato Nacional teve aqui, como em toda a parte, curta vida, e isto porque foi organizado á base de toda uma propaganda demagógica onde se prometia a satisfação de numerosas reivindicações da classe conserveira, que o fascismo lhe não podia dar. Mas o Sindicato Nacional nada trouxe de bom ás massas trabalhadoras de Peniche, todas as reivindicações essenciais se manteem de pé, e em maior acuidade, sem que o Sindicato nunca tivesse dado um passo para a sua solução. Perante a re-

## Penas de morte em Turon!

O escriptor Claude Aveline, membro da delegação que devia assistir ao processo dos mineiros de Turon em Oviedo, conta o seguinte:

Sabe-se que a delegação depois de haver assistido á primeira audiência, foi convidada pelo governador militar a abandonar a sala, e ameaçada de sanções judiciais.

Eis aqui em resumo as informações colhidas em Oviedo:

Os 63 acusados são defendidos por 10 advogados dos quais dois são militares. O defensor principal, Moreno Matteo, defenderá 37 acusados. Entre eles, Silvério Castanol, ameaçado de pena de morte por rebelião militar e de onze vezes 30 anos de reclusão por assassinato.

Os dois temas da acusação são contraditórios: a acusação introdu-

ziu a rebelião militar para pedir a morte. Pele igualmente a morte para Leoncio Villanueva, cons. lh. do municipal de Turon, chefe do Governo Provisório. E ped, para 37 acusados, 1.800 anos de prisão.

Desde o primeiro dia, os incidentes repetiram-se continuamente entre a acusação e a defesa. Apesar da vontade do presidente, a defesa pôde provar que os acusados foram torturados na prisão. Eles negaram as declarações que lhes haviam sido arrancadas pela tortura. Um d'elles foi obrigado a assinar o seu depoimento sob a ameaça dum cano de espingarda na boca. Um outro, estêve mergulhado três horas num poço, e depois estendido nu sobre uma mesa de mármore. Era no inverno.

As familias dos padres e guardas civis executados, foram autorizadas a espancar os presos nas celas!

No entanto, nenhuma das testemunhas provou a culpabilidade de facto dos acusados.

O processo aparece como uma extraordinária paródia de justiça onde os juizes militares receberam ordem de matar. O sanguinário Gil Robles dá estas ordens. Compreende-se porque o governador das Astúrias, tendo o testemunho dos inquiridores franceses lhes proibiu assistirem aos debates. A justiça fascista não ousa permitir que se faça luz sobre os seus métodos e as torturas que constituem a sua principal arma jurídica.

Toda esta ignóbil e sinistra farçula a que a burguesia chama um julgamento militar, terminou no dia 24 pela condenação á morte de 4 camaradas e 35 a prisão perpétua.

Só um protesto que cresça de dia para dia, pode salvar estes mineiros, cujo único crime é a revolução e que a contra-revolução dos officiaes jesuitas, resolveu condenar a morte.

### Volta-se Pela vida de RAKOSI!

No dia 15 de Junho teve lugar uma grande manifestação na praça Almásy, de Budapest, a favor do camarada Rakosi, cuja revisão do processo se anuncia para o dia 21 de Junho.

A maior parte dos manifestantes pertenciam ás Juventudes Comunistas.

Os nossos corajosos camaradas húngaros manifestaram-se ruidosamente, fazendo uma larga distribuição de manifestos e convidando os transeuntes a juntarem-se a elles.

bem estar dos operários «desde que estivessem de acôrdo com a colaboração de classes», estais vós a senti-lo com esse infame roubo!

Não é desorganizadamente, abandonando o emprego, que vereis atendidas as vossas reivindicações e que podereis obter que se façam nos vossos salários roubos de tal natureza!

E' dentro do vosso sindicato que (o Sindicato Unitário da Indústria de Alimentação) e dentro do P.C.P. que podereis obter a tais prepotências do patronato e dos seus miseráveis lacaios!

Ingressai pois no Sindicato que apenas se formou para satisfação das reivindicações do proletariado!

Constitui, na vossa empresa, uma secção do Sindicato Unitário da Indústria de Alimentação!

Organisai uma Celula do Partido Comunista — o Partido do Pão da Terra e da Liberdade!

cusada de pagamento, por parte dos sindicatos, a Direcção viu-se obrigada a desistir da sua existência. Mas uma prova cabal da impotência do «Estado-Novo» e das suas ned das fascistas, para a solução dos mais graves problemas conserveiros.

Entre a classe piscatória lavra grande descontentamento, motivado pelo seguinte: Os patrões dos barcos de pesca resolveram fazer uma festa em honra de determinado santo. Para isso descontam do lucro da companhia, quantias que tem ido até 500000. Tudo isso para «festanças» em honra do Sr. General Carmona e mais autoridades que aqui deverão vir em Agosto. E' sempre o proletariado quem ao fim de contas paga as festas da burguesia, por uma maior exploração, aos seus já magros salários.

Um só caminho se nos apresenta: uma luta implacável dentro do Sindicato Unitário pelas reivindicações gerais do proletariado conserveiro, e uma vasta campanha contra a exploração das classes piscatórias por parte do patronato, feita sob a bandeira do Partido Comunista.

### Na fábrica de massas «Itali»

Na fábrica de massas «Itali», do Campo Grande, existe um encarregado que da pelo nome de Domingos, que gastou em seu proveito, na paródia, 980500 pertencentes á empresa.

A melhor maneira, arranjada pelo cavalleiro para pagamento d'esses escudos, foi obrigar todo o pessoal (masculino e feminino) da fábrica, a descontar um dia, afim de prefazer essa quantia, ameaçando quem não estivesse de acôrdo com tal resolução de ser despedido.

Alguns operários, de ambos sexos, não consentiram no roubo que lhes era feito nos seus já miseráveis salários e abandonaram a fábrica, indo engrassar a vasta legião dos desempregados.

Camaradas operários da fábrica «Itali»!

O facto que acaba de passar-se dentro da vossa empresa vem ainda mais reforçar a campanha de desmascaramento da politica do «Estado novo» condusida pelo Partido Comunista.

O Demagógico palavreado dos Salazares e Teófilos, prometendo o

## O NOSSO MOVIMENTO visto no estrangeiro

A luta implacável dos nossos camaradas contra o fascismo, e a panfletaria Carmona-Salazar, encontra a mais larga repercussão internacional; em numerosas publicações estrangeiras.

Há ainda pouco tempo, o grande semanário francês «MONDE» consagrou uma página aos nossos camaradas presos, que ilustrou com uma gravura reproduzindo parte de alguns «Boletins Inter-Prisionais». Na Argentina uma importante revista, «ACTUALIDAD», falou também dos presos, e do assassínio do nosso camarada Manuel Vieira Tomé.

Em França a «CORRESPONDANCE INTER-SINDICALE», «LA DEFENSE», «FRONT MONDIAL», «VIE OUVRIERE» e «L'HUMANITÉ» têm publicado regularmente notícias de Portugal, nas quais se relatam as perseguições de que são vítimas os nossos camaradas.

Na URSS uma publicação da V. O. K. S. «JMPREKORR» falou do nosso movimento revolucionário.

Também as publicações alemãs «EINHEIT» e «A. I. Z.», esta última com ilustrações, fizeram largas referências ao nosso movimento, e ao terrorismo fascista de Salazar.

O revolucionarismo do nosso proletariado rompeu já o estreito círculo da luta nacional, dentro do qual o fascismo salazarista o queria manter, para passar para além das fronteiras e encontrar um eco na imprensa revolucionária de todo o mundo.

Ante toda uma propaganda bajuladora, paga a peso de ouro pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na imprensa venal do estrangeiro, cujo fim principal é esconder a instabilidade do governo Carmona-Salazar, e a sua política de fome e guerra ergue-se a imprensa revolucionária de todo o mundo, que o ouro arrancado por Salazar ao povo português, não consegue fazer calar.

A imprensa revolucionária estrangeira vem trazer-nos a sua solidariedade para novas lutas, e dar-nos a certeza, que no nosso combate ao capitalismo, e ao seu governo fascista, a encontraremos ao nosso lado.

## processos de luta

Acabamos de receber o n.º 3 da «Batalha», que, como de costume, dedica uma larga parte do seu conteúdo a atacar o Partido.

Devemos constatar que num país como o nosso, onde o proletariado luta desesperadamente contra o fascismo, e onde portanto a imprensa proletária deveria procurar acima de tudo unir esse proletariado, numa frente única anti-fascista; nos aparece um jornal revolucionário que dedica parte do seu espaço a atacar o Partido e a sua imprensa, procurando assim dividir o proletariado. Este simples facto seria já muito para lamentar, mas a isso não se limita a gente da «Batalha», pelo contrário, em cada número que sai, todo um chuveiro de baboseiras caluniosas tomba sobre o nosso Partido.

Nós podíamos contestar as calúnias, se o o espaço nos sobejaesse. Mas preferimos empregá-lo na nossa luta contra os nossos inimigos de classe, esquecendo voluntariamente aqueles que dentro do movimento operário o procuram dividir, servindo assim à burguesia.

## O PACTO FRANCO-SOVIETICO e a nova onda capitalista contra a URSS

O pacto franco-soviético e a viagem de Laval a Moscovo efectivaram-se num momento em que a situação internacional, do ponto de vista do perigo de guerra, se encontrava completamente esclarecida. Escasseiam todos os dados, segundo os quais seja para prestar crédito à ideia de que se trata duma situação meramente passageira.

Recorde-se os que as próprias conversações precedentes, Laval do selo privado — Hitler, revelaram que a política da Alemanha fascista é dominada pelas ambições territoriais em relação ao Oriente, Centro e Ocidente europeu. Recordemos que os primeiros tempos que se seguiram à repulção, pela Sociedade das Nações, da decisão unilateral da Alemanha, foram caracterizados por uma «excitação» guerreira por parte dos «paladões» oficiais da Alemanha. Recordemos a posição ambigua da Inglaterra, face às arrogâncias de Hitler, o que vem ensombrar aí da mais o horizonte mundial. Recordemos, finalmente, que vários países não opõem às tendências guerreiras da Alemanha hitleriana, senão uma política de palavras.

Resulta daqui uma situação internacional fundamentalmente nova. O proletariado da defesa nacional dos países colocados imediatamente sob as vistas da Alemanha nazi (França, Tchecoslováquia, etc.) coloca-se em coincidência com a defesa do primeiro Estado Operário e Camponez.

Este foi, entre outros, o lado saliente das declarações de Staline, por ocasião das conversações com Pierre Laval.

Esta tese sublinhada por Staline mereceu uma série de comentários reprovativos (socialistas franceses, etc.). Não é difícil denunciar os objectivos destes comentários. A social-democracia de todos os países nas vésperas da conflagração de 1914 limitou-se a uma série de protestos platónicos, que em nada entorpecem a eclosão das hostilidades e, declarada a guerra, colocam-se sob o signo da defesa nacional, signo que significou uma integração completa da social-democracia na defesa dos «seus» respectivos Estados capitalistas. Esta chaga social-democrática mereceu o combate mais forte da parte dos comunistas. E é por isso que, entre outras coisas, os socialistas elegeram a frase de Staline para a crítica, em vistas duma espécie de desforra.

A imprensa reacçãoária dos países que a custo mascaram os instintos guerreiros que prosseguem e varios órgãos da própria imprensa capitalista francesa pegaram nessa frase, fizeram um enorme alarido e não tardou que um verdadeiro plano, previamente cosinhado, de provocação anti-soviética, tomasse corpo. Foi dito, por exemplo, que o III Internacional está prestes a

dissolver-se. Foi anunciado que a Associação dos Jovens Russos de Paris «posto que mimiga do comunismo, saudava a decisão do Governo Soviético». Anunciaram-se outras mil patranhas.

E tudo isto, porquê? Simplesmente porque a União Soviética conseguiu com a sua política exterior entorpecer a eclosão da guerra. E seria pueril admitir que os grupos imperialistas interessados na eclosão da nova guerra, aceitassem, de bom grado, os resultados desta política.

Doutro lado, a URSS vale, aos olhos do proletariado e dos camponeses do mundo inteiro, justamente com o primeiro país do socialismo. Para prosseguir a preparação da guerra contra a URSS é preciso pregar que a URSS abandonou o socialismo, que a III Internacional vai dissolver-se, etc., etc.

Esta política dos «trovadores» dos países capitalistas está absolutamente de acordo com os interesses das oligarquias financeiras, em luta contra a sua própria base operária e contra a Pátria do proletariado mundial.

Por defeza nacional, nas condições da situação internacional presente e no significado da frase de Staline, está muito longe de entender-se o que pretendem os socialistas, a imprensa burguesa dos grupos interessados na eclosão d'outra guerra e os próprios capitalistas e governantes franceses.

Em torno da defeza nacional, precisamente sobre o base do conteúdo da frase de Staline, no próprio terreno francês chocam-se, doravante, muito mais duas políticas: a política dos capitalistas e a política dos comunistas. A política capitalista «de defeza nacional» é vulgarmente a excitação à guerra e o ensaio do fascismo (lei dos dois anos, etc.) ou, quando muito, um defeza potente nas condições de extensão que tomam as hostilidades na próxima guerra. Não é a técnica militar que consegue sobrepujar com êxito essa tarefa. A tarefa que se põe ante o proletariado é, afinal de contas, a de saber: «quem garante melhor a defeza e quem pode a conduzi-la dum modo mais seguro».

«A luta pela paz desenrola-se, deste modo, em torno da luta pelo poder. Só um povo que tenha sacudido o jugo da burguesia e da grande propriedade agrária poderá, efectivamente, constituir esta força invencível necessária, na época presente de técnica militar levada ao extremo, capaz de assegurar com êxito total, a independência nacional ameaçada pelo fascismo extremamente armado».

Tal é o conteúdo da frase de Staline — «compreendo e aprovo os esforços da França no sentido de assegurar a sua defeza nacional».

«A consolidação da paz não depende somente dos nossos esforços, exige também a colaboração e apoio dos outros Estados. Nós tratamos de manter e estabelecer relações amistosas com todos os Estados e consagrarmos-nos especialmente a uma possível aproximação com todos aqueles que deem uma prova do seu desejo sincero da manutenção da paz, e a sua vontade de resistir a sua violação.»

LITVINOV

## O que eles dizem...

Ultimamente os grandes baluartes do capitalismo, «Seculo» e «Noticias», têm publicado em letras do tamanho de feijões umas certas «noticias» provenientes de Paris, de origem «fortuita» e destinadas a estabelecer entre as massas um certo confuzionismo sobre o que se passa na URSS.

Nessas «noticias» são relatadas baboseiras deste teor: «que Staline dissolveu a III. Internacional; que os Sovietes dissolveram a Associação dos velhos bolcheviques; que Kruskaia (mulher de Lenine) está presa às ordens de Staline», etc., etc.

Fala-se na dissolução da internacional Comunista, exactamente quando na URSS se vão juntar os seus delegados de todo o mundo para a realização do VII Congresso. Procura-se assim, por esta forma, fazer acreditar às massas que a União Sovietica se aburguesou, mas ao mesmo tempo a grande imprensa apresenta-nos a União Sovietica como o maior baluarte da Revolução Proletária e Staline como o chefe da Internacional Comunista.

Vê tu, leitor, que série de contradições que nós vamos encontrar nas «noticias» sobre a URSS... forjadas no Secretariado de Propaganda Nacional...

E' escusado continuarem gastando imaginação e tinta, os «Ferros» da Ditadura, na sua propaganda caluniosa contra a URSS!

O proletariado português encontra-se hoje suficientemente elucidado sobre o que é União Sovietica, ele sabe muito bem que ela é honeste momento de crise para o capitalismo, o maior baluarte da Revolução e a Pátria gloriosa de todos os explorados e oprimidos do mundo inteiro.

—Pode continuar sr. Antonio Ferro...

## EM DEFEZA dos seus irmãos

Acabamos de receber um extenso manifesto editado pela Aliança Liberal Portuguesa, de New Bedford, na América do Norte, no qual além da transcrição dos relatos elaborados pelos deportados da Angra, se convidam os trabalhadores a continuarem a luta pela defeza dos seus irmãos portugueses a ferros namasmorras salazaristas. Além disto reproduz o referido manifesto a fotografia dos nossos camaradas assassinados pela policia, Ruas, Tomé e Gomes, que foram publicados anteriormente, em cartões postais, pelo Socorro Vermelho Português.

E já este o segundo manifesto lançado do pelos nossos camaradas de New-Bedford aos trabalhadores portugueses nos E.U.A.

Os trabalhadores anti-fascista de New Bedford, trilhando um caminho anti-fascista, mostram, além da sua combatividade, a consciência de classe e de solidariedade que os une às vítimas da repressão salazarista e a todos os combatentes, em geral, da luta contra o governo Carmona-Salazar.

Interpretando o sentir das vítimas do Salazarismo, daqui lhes enviamos um abraço fraternal e convidamos-os a reforçarem, ainda mais, a sua acção anti-fascista.

## "Delicias" do Estado Novo

A cáfila Salazaresca ao serviço da ordem em Angra actua à redeia solta e pratica as mais ignobes torpezas. Um trabalhador ferceirense simplesmente por declarar a três soldados (que era um crime tratar os presos políticos, como o fazem, encerrando-os na POTERNA e no CALEJAO, espancando-os à coronhada) etc — foi encerrado num calabouço da Fortaleza de Angra, onde jaz ha cerca de dois meses.

A podridão do «Estado Novo» em Angra não fica aqui. Um alemão de nome Glanar, estabelecido naquela cidade com uma casa de bordados f. l. á Alemanha de passeio. No regresso fez-se acompanhar de 2 caixotes de pistolas, as quais passou el indostinamente num automóvel que também trouxe consigo. A Alfandega só teve conhecimento do facto quando o alemão começou a passar as pistolas a A e a B.

Foi chamado á responsabilidade pela Alfandega. Mas como o alemão é uma pessoa grada e muito íntima das pessoas gradas de Angra, entre elles o Tomé da Costa, agente da Empresa Insular de Navegação e outros handidos, tudo ficou em águas de barbalho.

Quem sabe se as pistolas foram encaminhadas pelos próprios da pátria da União Nacional...

Outra questão. O povo da freguesia de Agualva desta ilha reclamou a um membro da junta a reconstrução da estrada, tornada intransitável. A esse pedido, a junta respondeu: «Não ha verbas».

Na sessão seguinte da junta o Presidente falando das festas da cidade pediu que para elas fosse lançada a verba de 10.000\$00. Consta que um membro da junta observou ao Presidente: «então, não ha verba para as estradas e agora voltam-se a gastar para festas? Ora o povo tem mais necessidade de pão do que de festas».

Resposta do Presidente: «Lá está voce com medidas comunistas».

O membro da Junta retorquiu: o que eu digo é a verdade. Demais eu sei dar o valor á fome e á razão a essa gente que está desempregada, porque eu tambem já estive sem trabalho.

Este protesto exarado na acta foi verdadeiramente escarneo do Presidente da Junta, que impoz, por fim a verba de 4.000\$00 para as festas.

Na mesma Junta, por imposição do Presidente da Câmara, foi admitido como empregado um garoto estudante de liceu.

Este menino disse o Presidente da Câmara—Dr. Joaquim da Rocha Alves—precisa de continuar os seus estudos. Portanto é preciso admiti-lo. Esclareçamos que se trata dum neto do Presidente da junta, falecido.

O menino foi admitido na junta, onde vai todos os dias «assinar o ponto», sem que ali trabalhe uma hora sequer.

Tudo pela grei! Tudo contra o povo!

Esta é a divisa do Estado Salazaresco.

**Os comunistas devem saber que em todos os casos, o futuro lhes pertence, e que por isso podemos (e devemos) unir ao máximo o maior entusiasmo revolucionário á luta, com a consideração mais fria e serena das furiosas arremetidas da burguesia.**

## O grupo "Revolta", e o seu verdadeiro significado politico

O movimento revolucionário português caracteriza-se por um engrossamento crescente da influencia do Partido Comunista sobre as massas trabalhadoras. Ao mesmo tempo, a corrente socialista—como corrente organizada—de raquitica que era, já nas próprias condições da «democracia», desmoronou-se totalmente, no decurso dos últimos tempos. A C.G.T. passou a ser um simples «vação» que o «revirvalho» reboca, segundo os caprichos dos seus appetes.

O «revirvalho», do ponto de vista de base orgânica, cristaliza-se, cada vez mais, nos quadros de meros grupos da pequena burguesia e do semi-proletariado.

Esta situação liga a si um fenómeno «suí generis» do caso português: Para salvar a burguesia da derrocada certa, os «salvadores» descobriram um novo método—Para lutarem mais eficazmente contra o comunismo já não acham outro processo que não seja o de afirmarem-se comunistas... em palavras, é claro.

Esta enfermidade é característica tambem, do «Grupo Revolta».

Antes de tomar o nome de «Revolta», este grupo denominava-se, simultaneamente, O.R.S e F.U.R.P.

Este grupo te... atrás de si uma historietta que vamos contar aos nossos leitores.

Uma vez, emissários categorizados desse grupo foram ao Barreiro, em missão de «catequese. Chocearam-se aí com a influencia do nosso Partido Para levarem «água ao seu moinho» disseram aos nossos camaradas que, apesar de filiado no Partido, eabiam no «seu movimento», tanto mais—tal foi a afirmação deles—que em tal movimento (?) tambem se encontravam, principalmente, os membros do Partido ou seus simpatizantes, e, além disso que se tratava dum movimento acima de Partidos, muito mais amplo de que o movimento do P.C.P.

Esta demarche foi baldada. Porém não tardou que começassem a fazer correr que tinham conquistado á sua causa um intelectual «camarada do Partido» naquela localidade.

Doutra vez, um membro dos quadros contra da Liga Anti-Fascista foi a Torres Vedras. Falaram-lhe da F.U.R.P. «para a esquerda e para a direita» e convidaram-no a aderir a ela, declarando-lhe: «O nosso movimento estende-se a todo o norte do país».

Este camarada respondeu-lhe: Eu tenho passado no norte do país o último semestre a fazer organização da Liga. A F.U.R.P. é ali inteiramente desconhecida. Devo declarar vos que o que ali ha de anti-fascista combatente ou está militando na Liga, ou no Partido Comunista, ou nas duas organizações simultaneamente, ou é simpatizante do Partido.

O interlocutor do nosso camarada acabou por retorquir: «Pois olha: tinham-me dito que no norte é que estava o forte da nossa organização. Mas se não a temos no norte, acredita que no sul... af, de verdade, temos uma boa organização?».

O nosso Partido veio mais tarde á estacada ao grupo em questão. A F.U.R.P. passou a ficar circunscrita ao grupo de Torres, grupo que ao mesmo tempo viu tolherem-se-lhe todas as perspectivas de desenvolvimento.

Mudou de taboleta. Passou a cha-

mar-se «Revolta». E os seus dirigentes apressaram-se a businar: «Nós nunca tivemos a intenção de formar uma O.R.S. ou uma F.U.R.P.».

Esta historietta dispensa comentários...

O porta-voz do «A Revolta», jornal dactilografado, revelou, sobejamente, ao cabo da publicação do seu terceiro número, que era uma folha confusionalista que luta contra o Partido Comunista, embora o faça dum modo dissimulado e que fabrica uma serie de parvoíces acerca do que é a URSS.

Chamados os seus dirigentes á atenção pela nossa organização de Torres; aqueles indivíduos declararam-nos que as suas intenções eram «esticamente comunistas» e que estavam prontos a entrar em conversações com o C. Central do nosso Partido. Prometeram-nos, até, um relatório, a condensar os pontos essenciais das suas divergências.

O Relatório não chegou. Entretanto aquelas conversações tiveram lugar. Delas resultou a seguinte resolução dos dirigentes do grupo Revolta: 1. Aceitar a critica do Partido ao jornal «A Revolta»; 2. passar este jornal para orgão do Comité Regional de Torres; 3. aderirem ao PCP.

O C. Central elaborou um artigo de fundo para «A Revolta» onde corrigia principalmente: a) a questão de frente única; b) o problema camponês; c) a questão de abordagem de massas e o encahecimento das suas lutas parciais, etc.

Os dirigentes do grupo Revolta recusaram-se a publicar este artigo e romperam com todas as resoluções anteriormente tomadas.

A esta recusa corresponde a promoção duma nova reunião dos membros do gr po Revolta com um do C.C. do Partido.

Entre outras coisas verificamos o seguinte: a) que do grupo Revolta fazem parte alguns anarquistas inimigos do Partido que se afirmam acratas e se dizem simpatizantes do comunismo, por uma questão de acinte individualista.

b) Que no seio deste grupo havram dissensões insuperáveis, pelo que o Partido Comunista considerando o grupo Revolta como um grupo adversário, contra o qual põe em guarda os trabalhadores, estende, entretanto, as mãos aos elementos honestos desse grupo, que, sendo dedicados ao movimento proletário, rompiam com esse grupo e se integrem no Partido ou na frente anti-fascista.

c) Que o grupo Revolta é uma «colaria» de trabalho para o «revirvalho» e apresenta o perigo de em breve ceder á provocação da Polícia de Informações, atendendo ao método revirvalhista que lhe serve de modo de actualação.

d) A desonestidade dos chefes e de vários membros deste grupo salienta-se nest: particular: Declaram que as criticas do Partido Comunista são feitas na sua doutrina, e afirmam ao mesmo tempo que o Partido Comunista é uma organização de indivíduos cujo tarefa é ludir os trabalhadores.

Já foi vista maior poltronice?

## Vitorias da Frente Anti-Fascista

### Em França

As eleições municipais foram acompanhadas dum enorme entusiasmo de massas. Cada êxito do Partido Comunista ou da frente popular motivava manifestações e cânticos intermináveis. Quando se soube que no distrito quinto de Paris o professor Rivet alcançara uma vitória triunfal contra L. Becq, candidato fascista, um dos dirigentes dos bandos do 6 de Março. A alegria das massas atingiu proporções frenéticas.

Esta eleição era efectivamente um verdadeiro simbolo. Para fazer fracazar mais seguramente i. ebecq, os candidatos comunistas, socialistas e radicais retiraram-se todos, afim de ceder o posto ao presidente do Comité Nacional dos intelectuais anti-fascistas. E, assim, enquanto o candidato fascista perdia votos sobre votos dos que obtivera na primeira volta, o sábio Rivet ganhava-os sobre o total dos votos dos candidatos a quem substituiu. A ideia de frente ampla popular de luta contra o fascismo e contra a guerra, encarnada por él, ganhou os eleitores vacilantes da semana precedente. As massas renderam uma alta homenagem ao Partido Comunista que, apesar do seu candidato ter ocupado o primeiro lugar no primeiro escrutínio, não vacilaram um só minuto em ceder o posto ao sábio Rivet, apoiando-lhe a candidatura, com todas as suas forças.

As eleições populares consituíram uma grande vitória da frente popular do Partido Comunista.

O «Echo de Paris» resume a situação d'este modo:

«As eleições municipais são más. Nos arredores de Paris a vitória vermelha é geral. A politica do Governo conduziu-nos á frente vermelha».

O «Temps» escreve: «A disciplina e o êxito foram da frente comum. Foi o Partido Comunista que beneficiou desta consulta popular».

Em Paris o Partido obteve 8 mandatos, em vez de 1. No departamento do Sena conquistou 27, em vez de 9, com idénticos resultados no Sena-Ois. No Norte e no Pas de Calais, o Partido Comunista tinha 17 municipios, agora tem 50.

O Partido Comunista penetra, já directa, já indirectamente, através das listas anti-fascistas, em centenas de municipios de todos os departamentos, até n alguns reputados como fortaleza da reacção, tais como a Bretanha.

## Tratos Salazaristas!

Os anti-fascistas presos na fortaleza de Peniche acitaban de ser vítimas de uma feroz repressão por parte dos carceiros: Com medo da possível influencia dos presos-junto das praças que faziam a limpeza das clemas, o comandante ordenou que fossem os presos que a fizessem ao que eles, á excepção de quatro, se recusaram terminantemente a fazê-lo.

Um offical, de pistola em punho, passou a intima-los individualmente a que o fizessem. Com um camarada lhe desesse, com boas palavras, que o não fariam, o «cava theiro» e durcou-se e arrancou para él a pistola apertada. Os outros presos rodearam-no, e o «heroi» chamou a guarda que agrediu selvaticamente os presos á coronhada.